

Um olhar sobre nossas raízes a partir da Eurytmia

Entrevista com Juliette Schardt¹ – depoimento sobre a inspiração, o desenvolvimento e a concretização do espetáculo Nhamandu – Silêncio y Palavra e do Projeto do Coletivo Encontros.

(entrevista realizada por Wanda Ribeiro em 16/09/2016 por telefone)

Eu já havia freqüentado o Grupo Pindorama há muito tempo atrás, pois sempre me interessou essa leitura da alma do povo brasileiro a partir da visão antropológica.

Por ser euritmista, eu me encontrei com Clara Mestrinel, uma euritmista brasileira, que tem um trabalho artístico bastante extenso e profundo voltado à cultura brasileira, atuante na Suíça. Nós queríamos fazer um programa de Eurytmia focado no Brasil e num estudo da língua portuguesa para a Eurytmia. Procuramos várias coisas e começamos, de propósito, com os índios por tratar-se de algo mais genuíno dos povos que habitavam nosso território. E dessa forma começamos com as lendas e histórias indígenas.

Convidamos Cecília Schucman para atriz e ela nos sugeriu a leitura do livro *Yuxin, alma* da escritora Ana Miranda, uma obra inspirada na cultura indígena. Lemos contos de Daniel Munduruku, ouvimos a coletânea de Marlui Miranda e assim começamos a estudar e pesquisar. Nessa pesquisa, ao encontrarmos o Mito Guarani recriado por Kaká Werá ficamos encantadas, pois é um conto forte, com imagens primordiais do início da evolução humana do ponto de vista da cultura Tupi Guarani.

Começamos um estudo de Eurytmia primeiramente em relação ao conto e às imagens. Insistimos em fazer mais intensamente as imagens, como surge uma figura, como, por exemplo, uma “coruja primordial” e depois um colibri. Ou, por exemplo, como expressar um ser humano que “ainda não sabia andar”, a serpente que constrói um “corpo de barro”. Enfim, como fazer tudo isso euritmicamente. A partir dessas perguntas mergulhamos nos fonemas e nos movimentos eurítmicos, onde essas imagens receberam vida e forma. Convidamos o Jorge Peña, nosso amigo, percussionista e sonoplasta que criou os sons que compuseram o espetáculo com as paisagens sonoras. Sentimos a necessidade de termos ainda apresentação de canto e flauta e então convidamos mais um músico. Nossa preocupação, que se estende até hoje, é de não cair no puritanismo e nem de reproduzir algo de forma naturalista. Existem duas questões que nos movimentam e que procuramos evitar: ou fazer algo pra “gringo” ou então o contrário, fazer algo que seja puramente indígena e aí correr o perigo de cair no estereótipo da imagem que criamos do índio. Ainda carregamos isso como uma grande interrogação e por isso nossos estudos e pesquisas continuam.

Fizemos a primeira turnê em 2013, logo após o Festival Multicultural². Infelizmente nós não chegamos a assistir à apresentação dos estudantes da Alemanha, mas organizei a vinda deles

¹ Juliette Schardt é euritmista e professora na Escola Waldorf Michaelis do Rio de Janeiro e integra o Grupo “Coletivo Encontros”, que une poesia, teatro e Eurytmia.

para o Rio de Janeiro, pois moro aqui e eles queriam aproveitar a oportunidade e conhecer esta cidade. Como forma de agradecimento eles fizeram uma apresentação aqui, mas somente com a parte musical.

Voltando ao Mito Guarani, eu o conhecia desde quando os encontros do Grupo Pindorama eram feitos em casa da Dra. Regina Helena e num desses encontros Kaká Werá nos transmitiu o mito oralmente.

Assim, escolhido esse Mito, começamos. Montamos o espetáculo. Fizemos nossa primeira turnê: a estréia foi no Teatro Municipal de Botucatu e depois em São Paulo, onde fomos para três CEUs³. Depois nos apresentamos na escola Waldorf Francisco de Assis, no Centro Cultural Monte Azul, no Centro Cultural Rudolf Steiner e na Escola Waldorf Rudolf Steiner. Fomos também para Juiz de Fora, em Minas Gerais, e no Rio de Janeiro.

A avaliação dessa primeira turnê foi muito positiva. As apresentações foram muito envolventes, as crianças bateram palmas, interagiram e no final a gente conversava e recebia o público no palco. Vimos então que o espetáculo foi uma ótima oportunidade de mostrar de modo mais próximo a realidade da origem do Brasil, algo sobre os índios, pois, em geral, no imaginário das crianças, índio é aquela coisa que bate o pé no chão e a mão na boca, gritando “uuuu”. No final percebemos que essa turnê foi um sucesso, ficamos embasbacados, vimos o impacto, o efeito, o público gostou mesmo!

Em 2015 tivemos a oportunidade de realizar nossa segunda turnê. Através de uma sugestão de Ute Craemer, fomos convidados a participar do Fórum Social Antroposófico que se realizou no Goetheanum, em Dornach, Suíça. Depois de nos apresentarmos em Dornach conseguimos fazer apresentações em diferentes escolas waldorf e em diferentes instituições antroposóficas, no sul da Alemanha e em boa parte da Suíça. O público europeu recebeu o espetáculo com olhos maravilhados sobre nossa história, sobre os índios nativos do Brasil. Saímos fortalecidos dessa turnê, recebemos apoio de todas as formas, vindo tanto de amigos, amantes da Eurytmia como das instituições antroposóficas. Todos os que fomos encontrando ao longo dessa turnê na Europa nos prestaram grande ajuda na montagem, nas roupas para passar, chegaram até a emprestar carros para nossas viagens e no final recebemos inclusive apoio financeiro para continuarmos com nosso projeto.

Foi quando decidimos fazer nossa terceira turnê, dessa vez, no Brasil. Nessa turnê o foco foi um grande desejo, um sonho que tínhamos: o de irmos para alguma aldeia de origem Guarani.

² O Festival Multicultural foi um evento cultural realizado por uma parceria entre a escola pública de música de Montabaur (Alemanha), Escola Waldorf de Neukirchen (Alemanha), Associação Monte Azul, a Sociedade Antroposófica no Brasil, a Escola Waldorf Rudolf Steiner e o Instituto Arapoty. Nesse evento o Mito foi apresentado num espetáculo que juntou alunos waldorf do Brasil e da Alemanha e também integrantes do Instituto Arapoty. Foi composta uma ópera especialmente a partir do Mito pelo músico e professor na Alemanha Winfried Voegelé (escola de Montabaur). Sua esposa Silvia Voegelé, euritmista (Escola Waldorf de Neukirchen), desenvolveu toda a apresentação a partir da Eurytmia como já tinha feito de um outro mito, chamado de Waitaha, da Nova Zelândia (link no youtube).

³ CEU – Centro Educacional Unificado, local público voltado à Educação, criado pela Secretaria de Educação de São Paulo, localizados nas áreas periféricas da Grande São Paulo (fonte: Wikipédia).

Foi então que batizamos nosso grupo de Coletivo Encontros e o espetáculo de Ñamandu, Silêncio y Palavra. Percebemos que nosso trabalho era muito bem recebido pelo público da periferia e montamos uma turnê com apresentações em outros três CEUs em São Paulo. Lá encontramos novamente o público caloroso das crianças interagindo conosco. Fomos à Campinas e nos apresentamos na Escola Waldorf Veredas. Depois, em São Paulo, no Centro Cultural Rudolf Steiner organizamos duas apresentações beneficentes, cujo valor arrecadado foi para a Escola Waldorf Berta e Emil Molt e para o projeto de educação waldorf ao ar livre Jacy Tatá.

Decidimos então que havia chegado a hora de fazer o espetáculo para os índios ou com os índios! Para isso, fui à procura de Kaká Wera, que infelizmente ainda não me respondeu (estou tentando há dois anos). Eu procurei aldeias Guarani na região litorânea, pois é perto do Rio de Janeiro, onde eu moro. Para ajudar, procurei uma antropóloga conhecida minha, que trabalha no Ministério Público Federal, Bethânia Guerra Duarte, e ela me mostrou um mapeamento das tribos do litoral Rio-São Paulo. Ela me indicou uma aldeia pequena e afastada dentro da reserva da Bocaina, a aldeia Araponga. Ela sabia também que essa aldeia tem contato com uma escola alternativa, simpatizante da Pedagogia Waldorf, em Paraty. Além disso tudo, Bethânia conhecia um médico, estudante da medicina antroposófica, o Dr. Augusto Cezar Menezes, também de Paraty. Então começou a grande busca... e não foi fácil, pois para se construir uma relação com o povo guarany é preciso investir bastante tempo devido as diferenças culturais, estruturais e de comunicação. A aldeia Araponga é conhecida por suas tradições e apesar das condições pouco favoráveis como a falta de estrutura, eles prezam pela prática religiosa e pela cultura guarany. Eles cantam e dançam mantendo viva a chama da identidade indígena. O Dr. Augusto me levou pra Festa do Milho, que acontece todos os anos em meados de junho/julho. Nessa festa, os indígenas defumam as sementes do milho com seus petengúas (cachimbo sagrado) em devoção às sementes do milho, pedindo a Nhanderu (entidade divina) que cuide do arado e que venha a ser uma farta colheita, além de passarem a noite e a madrugada cantando e dançando. Depois ainda visitamos a aldeia pra conversar com o cacique Augustinho, que tem aproximadamente 97 anos de idade com uma vitalidade incrível!!! Também visitamos outros membros líderes da aldeia para negociar e esclarecer aquilo que almejávamos. Conhecemos o vice Cacique Marley Rosa, uma pessoa sensível e profunda muito respeitosa. Criamos laços de confiança e amizade, nos divertimos com as crianças, que nos levavam para uma cachoeira belíssima que tem três quedas. Depois de negociar, conseguimos o consentimento e a autorização dos pais e jovens para ficarmos quatro dias na aldeia com eles. Comemos, rezamos, pedimos para nos mostrarem suas danças, brincamos com as crianças. Eles nos venderam artesanato e em troca contamos o mito indígena. No final tivemos a oportunidade de mostrar a Eurytmia num terreiro aberto, mostrando pequenos trechos de nosso espetáculo. Com isso, fomos descobrindo que este mito possui diversas variantes dentro dos povos guaranis. E a partir dessa troca adaptamos algumas passagens do espetáculo para nos aproximarmos deles, já que no dia seguinte faríamos uma apresentação juntos. Vimos que o Mito é dos Tupi Guarani da região de São Paulo, não do litoral e vimos que dentro dos Guarani há etnias diferentes. A aldeia Araponga é Guarani Mbyá. Há três vertentes que vivem e convivem na região: Mbyá, Tupi-guarani e

Caiowa⁴. Essas três vertentes convivem na região do litoral, na região de Cotia e em Paraty-mirim. Tem três aldeias dessa vertente Mbyá vivem em Paraty, Niterói e Angra dos Reis.

Depois de quatro dias de convivência conseguimos uma primeira troca artística cultural, podemos dizer. Lá na aldeia ao entardecer, com um lindo pôr do sol, mostramos no terreiro em frente à casa de reza, trechos do espetáculo e eles mostraram o coral com suas canções e danças acompanhado com o pulso constante do tambor, dos maracás, do violão e da rabeca. No meio da nossa apresentação entrelaçamos então três momentos, onde eles cantaram e dançaram. Descemos a serra com eles na manhã seguinte e nos apresentamos na escola Cirandas. O Cacique Agostinho abriu o espetáculo com uma linda fala sobre a importância do canto e da reza para Nhanderú. Pais e crianças estavam presentes e assistiram a uma singela apresentação entrelaçada de Eúritmia, canto indígena, música e história. No final, os indígenas lançaram, depois almoçaram, venderam artesanato receberam mantimentos, roupas, cobertores e ainda uma verba vinda do nosso projeto em troca do aprendizado e da hospedagem na aldeia. Eles foram para casa depois do almoço. Foi um sucesso tanto para eles quanto para nós: imagine, colocar índios no palco!

Agora estamos avaliando, escrevendo, fazendo relatórios e verificando tudo que filmamos e fotografamos.

Nossos próximos passos estão indo em direção a chamarmos consultores indígenas, artistas, estudiosos da cultura indígena e da antroposofia para fazermos um trabalho mais apurado em nosso espetáculo. Queremos convidar também o Wesley Aragão de Moraes⁵, que é antropólogo, médico antroposófico e escreveu um belíssimo livro sobre a alma brasileira e pedir uma consultoria. E queremos nos aprofundar na poética guarani, como ela toca no corpo, como ela seria para a Eúritmia.

Essa é uma perspectiva das próximas ações de nosso grupo, que se chama “Coletivo Encontros” e é formado por duas eúritmistas, uma atriz, dois músicos e uma iluminadora, que também é a produtora. Ela tem contato com os Céus, sabe o que é uma turnê, sabe como agendar teatros em São Paulo, sabe fazer planilhas, acerto de contas. Enfim, temos uma organização.

⁴ Ver as três vertentes citadas no livro “o caminho da sabedoria ‘I Rapé – Instituto do Patrimônio Histórico, centro de Folclore e Cultura Popular do Rio de Janeiro, 2009).

⁵ Moraes, Wesley A. , **Alma brasileira, Alma Sul Americana, Antropogeografia oculta**. São Paulo: Barany, 2014.